

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

CONVERSA DE MORANGO

E OUTROS TEXTOS CHEIOS DE GRAÇA



ILUSTRAÇÕES
FIDO NESTI



Companhia das Letrinhas

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br
Copyright das ilustrações © 2016 by Fido Nesti

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Revisão

THAÍS TOTINO RICHTER

ARLETE SOUSA

Tratamento de imagem

M GALLEGO • STUDIO DE ARTES GRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Conversa de morango e outros textos cheios de graça / Carlos Drummond de Andrade ; ilustrações de Fido Nesti. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2016.

ISBN 978-85-7406-727-8

1. Contos — Literatura infantojuvenil I. Nesti, Fido. II. Título.

16-07169

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

AS DELÍCIAS (DELICADAS) DO RISO, 7
SALVO SE, 9
O SORVETE HÚNGARO, 10
FURTO DE FLOR, 13
SONDAGEM, 15
A INCAPACIDADE DE SER VERDADEIRO, 18
VISITANTE NOTURNO, 19
A BAILARINA, 24
MILHO COZIDO, 25
A MUDANÇA, 30
DIÁLOGO DOS PESSIMISTAS, 31
DIÁLOGO DE TODO DIA, 36
A FALA VEGETAL, 38
CONVERSA DE MORANGO, 41
AS PÉROLAS, 44
COLEGUISMO, 45
DA UTILIDADE DOS ANIMAIS, 46
GOVERNAR, 50
HISTÓRIAS PARA O REI, 51
MEU CORVO, 52
SAQUE, 53
ESPARADRAPO, 55
ORIGEM DOS TEXTOS, 59
SOBRE O AUTOR, 61
SOBRE O ILUSTRADOR, 63

AS DELÍCIAS (DELICADAS) DO RISO

Carlos Drummond de Andrade foi o poeta brasileiro que tratou de questões como vida e morte, amor, memória e passagem do tempo em livros que hoje são considerados clássicos. Mas além do grande autor de versos profundos que foi, o mineiro Drummond produziu, ao longo de quase sessenta anos de atuação na imprensa, crônicas e histórias absolutamente deliciosas e cheias de graça.

É este lado que pode ser mais bem conhecido nesta seleção de textos em prosa. Sem buscar o riso fácil, Drummond exercitou um olhar gracioso sobre os mais variados aspectos do cotidiano. O humor, aqui, vem ao lado da delicadeza, de observações afiadas sobre a relação de crianças e adultos, de reflexões leves sobre a língua portuguesa. O dia a dia, que sempre alimentou os cronistas ao longo do tempo, aparece filtrado pela sensibilidade e ironia do escritor.

Os textos, que oscilam entre a crônica e o conto mais leve, fazem o leitor empreender uma viagem nostálgica por um Brasil mais tranquilo e ameno, em que a vida corria num ritmo sem sobressaltos. Um país de gestos calmos no cotidiano e nas histórias — alegres, sensíveis e graciosas — que compunham a vida de todos, pequenos e grandes.

SALVO SE

Ganhou o apelido de Salvo Se porque, ao ser convidado para qualquer coisa, respondia invariavelmente:

— Topo, salvo se fizer mau tempo.

— A meteorologia anunciou bom tempo, não há perigo.

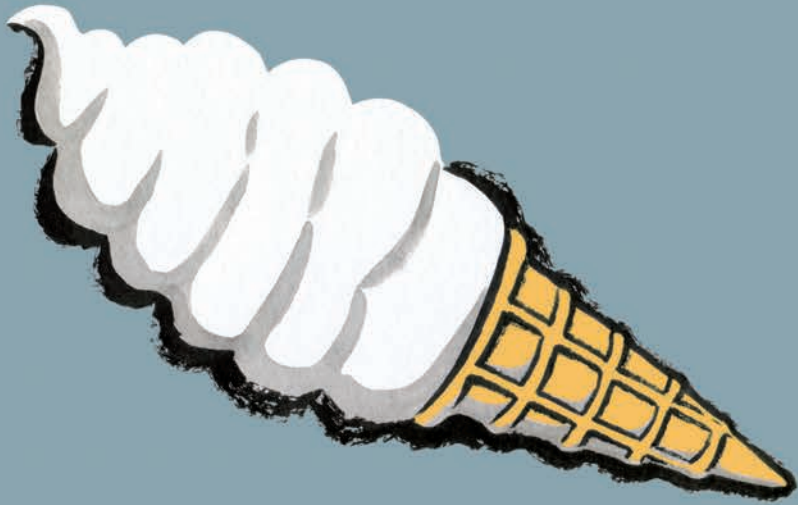
— Então ótimo, salvo se eu quebrar uma perna.

— Afasta esse azar, não vai quebrar perna nenhuma.

— É o que espero, salvo se houver um buraco no caminho.

E assim por diante. Gostava de abacate, salvo se aparecesse laranja-lima. Viajaria para Maceió, salvo se desistisse à última hora. No fim de certo tempo, já não prometia nem planejava nada. Era tudo salvo se, e o salvo se acabou por impedi-lo de qualquer gesto. Explicava:

— Não posso desistir do salvo se, salvo se deixasse de existir salvo se na vida.



O SORVETE HÚNGARO

— Este sorvete — informa gravemente o dono da sorveteria — tem sabor diferente de qualquer outro que o senhor possa imaginar. Não digo isso porque é da casa. Já fiz muito sorvete que não era lá essas coisas. Falar verdade, eu não sou sorveteiro, nunca fui. Sorveteiro no sentido de nascer para fazer sorvete e ter consciência do que está fazendo. Fazer sempre bem, não digo sempre melhor, porque sorvete não se aprimora, fique o senhor sabendo. Não se aprende nem se desaprende com o tempo. Ou o homem faz, de vocação, aquele sorvete que é o tal, o único, que põe o freguês delirando, causa uma felicidade para sempre, ou... ou produz isso que há por aí.

Já notou que não existe sorvete no Rio? Eu sabia que o senhor ia citar aquele de Ipanema, um outro de Vila Isabel. É. Não vou dizer que não prestam. São regulares. Nem sou de falar mal de colegas. Me refiro a sorvetes, não a sorveteiros. Podem ser de boa-fé, por que não? Conheço muitos, distintos como pessoas, escrupulosos, eles mesmos escolhem as frutas, não facilitam em matéria de higiene, aplicam suas receitas com exatidão... Vai-se ver, saiu um sorvete chochinho, um açúcar gelado, ou pedrento ou derretido. É o comum, meu senhor. Ninguém sabe fazer sorvete.

Eu também não sei, já disse. Portanto, não pense que desmereço os colegas para me elevar aos cornos da Lua. Então como faço este que, pondo de lado a modéstia, é o grande sorvete do mundo? Ah, o senhor não vai acreditar. E talvez eu não deva tomar o seu tempo com essas coisas. Mas simpatizei com o seu ar. Noto que não é um freguês como os outros, que querem apenas se refrescar, pouco lhes importa o que ponham na boca. Vi pela maneira como olhou para a lista de sorvetes. Como reparou em cada nome de fruta ou sabor, comparando os gostos, refletindo... Sentindo prazer, eu sei, já em pensar nos sorvetes. Não era indecisão. Era prazer. Sim, o amigo sabe o que é sorvete.

Mas não respondi à sua pergunta. Este sorvete que vai provar e nunca mais lhe esquecerá o gosto e lhe dará uma tristeza infinita de não o encontrar em outro bairro qualquer, mesmo em outros países... é segredo de um artista húngaro, que passou pelo Rio há dois anos. Digo artista, porque não merece outro nome. O de batismo não posso

dizer. Esqueci. Ou melhor, nunca cheguei a aprender direito como se escreve e se pronuncia. Era um homem estranho, de pouca fala, nos conhecemos por acaso, salvei-lhe a vida com um empurrão, no justo momento em que um carro ia esmagá-lo. Para manifestar sua gratidão, me deu a fórmula.

É uma fórmula que vem passando de pai a filho, desde o século XVI — XVI ou XVIII, não estou bem certo. Sabe por que os sorvetes de frutas naturais são chamados de italianos? Porque um italiano andou pela Hungria e lá se aposentou da fórmula. Apossou-se, é modo de dizer. O italiano fez tudo para roubá-la, cometeu até dois assassinatos, sem conseguir as quinze mágicas. São quinze linhas, não mais. À base de imitação, levou para a Itália um tipo de sorvete que só de longe lembra este meu. Não é a mesma coisa, claro. O verdadeiro sorvete é uma criação de arte de um húngaro falecido há séculos e transmitido como legado de família. Eu sou depositário da fórmula, e pratico-a sem mérito. O meu amigo húngaro, que pouco depois sumiu, tinha no sangue a tradição e a arte de sorvete.

Este o senhor vai tomar por conta da casa. Mas não espalhe, hem?, que meu sorvete é diferente de todos os outros do Brasil e do Universo. Ninguém até agora reparou nisso, e não quero complicações. Só me abri com o amigo porque percebi logo que estava à altura de receber minha confiança. Vou-lhe dizer mais: este aqui eu só fabrico para um grupo mínimo de pessoas, os entendidos, os marcados. O resto é para a multidão. Boca de siri, ouviu?